

ÁREA TEMÁTICA 3 - EPCDA
Ensino, pesquisa e capacitação docente em Administração

**DESENVOLVENDO HABILIDADES POR MEIO DA INDISSOSIABILIDADE ENTRE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: A EXPERIÊNCIA DA “VIVÊNCIA EM
GESTÃO”**

DESENVOLVENDO HABILIDADES POR MEIO DA INDISSOSIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: A EXPERIÊNCIA DA “VIVÊNCIA EM GESTÃO”

RESUMO

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão gera uma formação acadêmica ampliada e integrada, tão necessária para atender novos modelos e formas de gestão que emergem na sociedade contemporânea. Por isso, este estudo procurou identificar a contribuição do componente curricular denominado Vivência em Gestão no desenvolvimento das habilidades previstas no Projeto Pedagógico dos cursos da área de gestão da Universidade do Vale do Taquari – Univates. O desenvolvimento do artigo apresenta a descrição da referida vivência e uma breve contextualização sobre a importância da integração dos diferentes saberes para a construção de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades sociais. Os procedimentos metodológicos utilizados foram um levantamento, coletado de maneira virtual, e entrevistas não estruturadas. Na análise dos dados, os resultados comprovam que os três conjuntos de atividades práticas realizadas no componente curricular contribuíram significativamente para o desenvolvimento pessoal, profissional e acadêmico. Assim, a visão estratégica, a empatia e relacionamento interpessoal e a formação de equipe foram apontadas pelos estudantes como as habilidades mais desenvolvidas durante a Vivência em Gestão.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão; Habilidades; Ensino; Pesquisa; Extensão.

DEVELOPING SKILLS THROUGH INDISSOSIABILITY BETWEEN TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION: THE EXPERIENCE OF “VIVÊNCIA EM GESTÃO”

ABSTRACT

The inseparability between teaching, research and extension generates an expanded and integrated academic formation, so necessary to meet new models and forms of management that emerge in the contemporary society. Therefore, this study aimed to identify the contribution of the subject called “Vivência em Gestão” in the development of the skills provided in the Pedagogical Project of courses in the management area of the University of Vale do Taquari - Univates. The development of the paper presents the description of the referred experience and a brief contextualization on the importance of the integration of different knowledges for the construction of knowledge and the development of social skills. The methodological procedures used were a survey, collected in a virtual way, and unstructured interviews. In analyzing the data, the results show that the three sets of practical activities carried out in the subject contributed significantly to personal, professional and academic development. Thus, the strategic vision, empathy and interpersonal relationships and team building were pointed out by students as the most developed skills during the “Vivência em Gestão”.

KEY-WORDS: Management; Skills; Teaching; Research; Extension.

1 INTRODUÇÃO

A legislação brasileira determina a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e preconiza que esses elementos devem ter igual importância no processo formativo. Contudo, a partir de uma abordagem histórica, Farias, Soares e Farias (2010) observam que na prática acadêmica essas instâncias são desenvolvidas de forma dissociada, com a realização de projetos isolados que não atendem o caráter interdisciplinar requerido pela legislação.

Moita e Andrade (2009) argumentam que na maioria das vezes a universidade tem sido palco de análises e debates centralizados apenas no ensino, na pesquisa ou na extensão. Alguns esforços consideram as relações duais que articulam ensino e extensão, apontando para uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carecem da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico; por sua vez, o ensino associado à pesquisa permite explorar terrenos em frentes de tecnologia, mas incorre-se na perda da compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final do saber científico - a sociedade (MOITA; ANDRADE, 2009).

Ao mesmo tempo que integrar ensino, pesquisa e extensão nos cursos de Graduação se apresenta como um desafio às Instituições de Ensino Superior, vislumbra-se, também, uma excelente oportunidade para criação de currículos inovadores e mais próximos do mercado de trabalho. Atentos a esse desafio, os cursos de Gestão da Universidade do Vale do Taquari – Univates têm flexibilizado os seus currículos de modo a permitir a realização de atividades inovadoras (algumas em caráter piloto), a fim de experimentar novos modelos que possam ser implementados nos demais cursos. Nesse contexto, surge a Vivência em Gestão, componente curricular apresentado neste artigo.

A “Vivência em Gestão” é um componente que foi ministrado, em caráter piloto, nos Cursos Superiores de Tecnologia em Gestão Financeira e Logística, no primeiro semestre de 2019, buscando integrar pesquisa, ensino e extensão por meio de um conjunto de atividades diferenciadas. Esse componente tem o objetivo de resgatar conteúdos, aprimorar os conhecimentos, consolidar habilidades e competências e, principalmente, colocar em prática os aprendizados desenvolvidos ao longo do curso. Para tanto, a Vivência em Gestão foi desenvolvida por meio de três atividades, as quais são detalhadas na seção 2 desse artigo.

Sabe-se que de nada adianta a oferta de componentes curriculares inovadores se eles não são capazes de desenvolver saberes, competências e habilidades nos estudantes. Desse modo, esta pesquisa tem o objetivo de **identificar a contribuição da Vivência em Gestão no desenvolvimento das habilidades previstas no Projeto Pedagógico dos Cursos**.

Para alcançar o objetivo proposto, realizou-se a aplicação de um questionário com os estudantes matriculados na Vivência em Gestão, de modo que fosse possível avaliar a contribuição das diversas atividades realizadas no componente curricular para o desenvolvimento das habilidades previstas em seu Plano de Ensino, além da realização de uma entrevista com gestores que participaram das atividades no componente curricular.

O artigo está estruturado em seis seções: além desta introdutória, a seção 2 apresenta o componente curricular “Vivência em Gestão”. Na sequência, são apresentados a revisão de literatura (seção 3), os procedimentos metodológicos do estudo (seção 4), os resultados obtidos (seção 5) e as considerações finais do artigo (seção 6).

2 APRESENTAÇÃO DA “VIVÊNCIA EM GESTÃO”

A “Vivência em Gestão” é um componente curricular obrigatório de todos os cursos na área de Gestão da Univates. No ano de 2019, o componente foi oferecido em um projeto piloto nos cursos de Gestão Financeira e Logística, sendo ministrado por dois professores e cursada por 21 estudantes dos dois cursos.

Os objetivos da Vivência em Gestão e as habilidades que o componente curricular se propõe a desenvolver nos estudantes estão relacionados no Quadro 1.

Quadro 1 – Objetivos e habilidades da Vivência em Gestão

VIVÊNCIA EM GESTÃO	
OBJETIVOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none">- Vivenciar as atividades administrativas;- Participar da viagem de estudos, com visita a organizações e/ou realização de seminários de discussão;- Exercitar e integrar os conhecimentos adquiridos e as habilidades desenvolvidas ao longo do curso;- Contatar com o ambiente organizacional, ampliando a compreensão de questões mercadológicas, financeiras, operativas e estratégicas.	<ul style="list-style-type: none">- Identificação de oportunidades;- Modelagem e arquitetura de negócios;- Planejamento, organização, direção e controle;- Responsabilidade socioambiental;- Formação de equipe;- Empatia e relacionamento interpessoal;- Visão estratégica.

Fonte: Plano de Ensino do componente curricular (2020).

Buscando alcançar os objetivos propostos pelo componente curricular, a Vivência em Gestão foi organizada em três atividades, a saber: Revisão de conteúdos, Intervenção no Parque Tecnológico da Univates (Tecnovates) e Viagem de Estudos, conforme apresentado na Figura 1 e detalhado a seguir.

Figura 1 - Atividades que compuseram a Vivência em Gestão



Fonte: elaborado pelos autores (2020).

a) Intervenção no Tecnovates: inicialmente, os estudantes foram apresentados a problemas reais enfrentados por duas empresas incubadas no Parque Tecnológico da Univates. No semestre em questão, duas empresas fizeram uma apresentação dos seus negócios para a turma, relatando o que cada uma produz e comercializa e o objetivo que elas têm no mercado. Por meio desta apresentação, os estudantes perceberam algumas necessidades, que são muito comuns em empresas que estão recém-ingressando no mercado, e a partir disso, em grupos, os acadêmicos

deveriam fazer um diagnóstico nas áreas de Finanças e/ou Logística e propor uma solução para cada empresa.

b) Revisão de conteúdos: para que os acadêmicos resolvessem as questões propostas pelas empresas, foi necessário revisitar os conteúdos e os componentes curriculares já cursados. Deste modo, a pesquisa fez-se necessária como apoio às propostas de solução a serem apresentadas às organizações. Durante algumas semanas os grupos puderam tirar suas dúvidas, pesquisar e pensar em cada questão mencionada pelas empresas incubadas no Tecnovates. Para identificar soluções adequadas para cada um dos casos, os acadêmicos tiveram de relembrar os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso. Após elaborado o relatório com as sugestões de melhoria e soluções para as empresas, os grupos retornaram ao Tecnovates para fazer a apresentação de suas propostas às empresas e aos professores, conforme Figura 2.

Figura 2 - Apresentação de trabalhos no Tecnovates



Fonte: dos autores (2020).

c) Viagem de estudos: a Vivência em Gestão também possibilita a imersão em realidades diferentes das empresas do Vale do Taquari por meio da realização de uma viagem de estudos. No semestre em questão, o destino foi São Paulo, sendo visitadas organizações como a B3 (Bolsa de Valores de São Paulo), a BPP (*fintech* de pagamentos), o Next (Banco digital do Bradesco), o Porto de Santos, o Metrô de São Paulo, a Ceagesp, a Volkswagen, a Cervejaria Águas da Serra - Ambev (FIGURA 3), entre outras.

Antes da viagem, os estudantes pesquisaram sobre o ambiente paulista e sobre as organizações a serem visitadas, elaborando quatro perguntas a partir das informações encontradas. No dia da visita, cada grupo que pesquisou a organização conduziu o diálogo, por meio do roteiro de perguntas previamente levantadas para, no final do semestre, elaborar um relatório sobre as empresas e apresentar para a turma.

Figura 3 - Visita à Cervejaria Águas da Serra - Ambev



Fonte: dos autores (2020).

3 REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção apresenta uma breve revisão da literatura sobre as diversas possibilidades de desenvolvimento das habilidades sociais, visando contribuir para a formação discente, nas diferentes escolhas profissionais.

3.1 Um olhar para as habilidades sociais

A literatura define o termo habilidade como a qualidade de uma pessoa hábil, que revela capacidade para fazer algo. Está intimamente relacionado à aptidão para cumprir uma tarefa específica com um determinado nível de destreza (DELORS, 2010; GRAMIGNA, 2007). Essa compreensão constitui uma ideia consideravelmente antiga, porém (re)valorizada na contemporaneidade em decorrência das mudanças no mercado, que requerem, especialmente dos ambientes organizacionais, a adoção de estratégias de negócios alinhadas à profissionais aptos e ágeis, a fim de garantir que objetivos e metas individuais e corporativas sejam alcançados.

A habilidade, de acordo com Zarifian (2012), pode ser uma aptidão inata ou desenvolvida por meio de prática, treino e experiência, permitindo, portanto, que o indivíduo consiga melhorá-la. Nesse sentido, o autor dá ênfase à competência do sujeito, manifestada pela combinação *do saber, do fazer e do saber ser*. O saber está relacionado ao domínio cognitivo, é o conjunto de todas as informações, princípios e verdades que compõem o sujeito; o saber fazer é a capacidade de desempenhar uma ação, é a habilidade propriamente dita; e o saber ser (ou querer fazer) é o sentimento ou a emoção que influencia a escolha das ações e as respostas aos estímulos. Ainda, é a predisposição ou tendência de responder, positivamente ou negativamente, a determinados fatos, ideias, objetos, pessoas ou situações (DELORS, 2010).

Conforme ressalta Charlot (2000), a competência articula saberes com fazeres característicos de situações concretas de vida, pois se aplica a qualquer período e a qualquer ambiente, deixando caminho aberto para todas as composições possíveis. Por meio da educação, seja ela familiar e/ou escolar/acadêmica, gera-se desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que estimulam a evolução e a construção de cada pessoa. Contudo, o mesmo autor adverte que a educação é um processo que acontece se o indivíduo tem interesse e, sobretudo, se ele tem oportunidades no meio em que convive e estímulos das pessoas com as quais convive como familiares, professores, amigos, líderes corporativos, colegas de trabalho, entre outros grupos sociais.

Nesse contexto, Le Boterf (2003) afirma que manter-se estudante é uma forma de reduzir riscos decorrentes das mudanças do mercado, demonstrando capacidades de habilidades e ações frente às adversidades e oportunidades, a fim de assegurar a empregabilidade. Para isso, segundo Delors (2010), a educação também deve oferecer cada vez mais conhecimento e desenvolver habilidades que estejam alinhadas às necessidades laborais, pois as transformações da sociedade interferem no cotidiano e refletem diretamente nas atividades das pessoas.

Na era da tecnologia e da informação em tempo real, a formação deve ser constante, visto que não se pode acreditar que o que aprendemos na escola perdurará pelo resto da vida. Assim como máquinas e equipamentos, conhecimentos e habilidades também se tornam obsoletos. Quem apropria novos conhecimentos e habilidades tem vantagem competitiva e capacidade de abandonar velhas práticas para atender as novas demandas advindas da sociedade (ABRANTES, 2012).

Neste exato momento do século XXI vive-se um problema de saúde pública provocado por um vírus¹ e a dicotomia entre a convicção de um mundo mais humano e a cega valorização de recursos financeiros que norteiam o sistema capitalista em detrimento do saber científico. Há quem diz que está sendo necessária uma crise humanitária para que os *saberes* sejam mais respeitados por parte dos governantes, e que investimentos em políticas de financiamento à ciência façam parte dos seus planos de trabalho. Os resultados em investimentos na ciência nem sempre são imediatos, mas sabe-se que os ganhos podem aparecer de várias formas, como o avanço do conhecimento, a formação de profissionais de alto nível, a produção de inovações e, sobretudo, a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Em outras palavras, a pandemia deste século coloca em xeque o capital e eleva a necessidade de uma visão de mundo integradora, com investimento contínuo em desenvolvimento de saberes articulados e compartilhados. Emerge, assim, o conhecimento e as habilidades humanas, emerge a ética do cuidado, como afirma o sábio filósofo Leonardo Boff. A essência da ética do cuidado é compreender que tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e a viver (BOFF, 2013).

A ética do cuidado exige aprendizagem, solidariedade, cordialidade, compaixão, compreensão, participação, diálogo, respeito às diferenças, entre tantas outras habilidades. Logo, a viabilidade de um modo de vida mais humano será possível e factível a partir desses valores universais, ou ainda, de acordo com as

¹ A Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu o primeiro alerta para a doença em 31 de dezembro de 2019, depois que autoridades chinesas notificaram casos de uma misteriosa pneumonia na cidade de Wuhan, na China. O novo vírus é apontado como uma variação da família coronavírus e recebeu da OMS a denominação de COVID-19 em 11 de fevereiro de 2020. Em 11 de março de 2020, a mesma organização declarou o novo coronavírus como uma pandemia global. Ainda não se sabe como ocorreu a mutação que permitiu o surgimento do novo vírus, mas ele já infectou mais de 1,2 milhão de pessoas e causou mais de 70 mil mortes no mundo. O Brasil registrou, até 06.04.2020, mais de 11 mil casos confirmados e 486 mortes em decorrência do novo cononavírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, on-line).

palavras de Boff (2013, p. 140), a partir de “[...] uma maneira mais cuidada de ser”, uma maneira de dialogar e uma possibilidade de aprender e ensinar, afinal, quando se cuida, se deseja o bem e se pratica o bem.

Revela-se, nesse sentido, a associação de comportamentos com conhecimentos. Comportamentos que contemplam habilidades para adoção de métodos diferenciados para situações específicas; identificação de oportunidades; modelagem e arquitetura de negócios; planejamento, organização, direção e controle; responsabilidade socioambiental; formação de equipe; empatia e relacionamento interpessoal, além de visão estratégica e outras. E conhecimentos que incluem capacitação, vivências, experiências, autodesenvolvimento e formação (ZARAFIAN, 2012). Tais comportamentos e conhecimentos são elementos fundamentais para a evolução e preservação das pessoas, assim como das organizações a longo prazo.

Em comunhão com este pensamento, Capra (2013, p. 182) afirma que a evolução da sociedade está diretamente “[...] ligada a mudanças no sistema de valores que serve de base a todas as suas manifestações”. O conjunto de valores constituirá a estrutura das percepções, intuições, formações e escolhas da sociedade para que haja inovação e adaptação social. Nessa medida, cabem algumas reflexões em relação à formação, especialmente quanto as contribuições do ensino, da pesquisa e da extensão universitária no desenvolvimento de saberes, apresentadas a seguir.

3.2 Contribuições do ensino, da pesquisa e da extensão universitária no desenvolvimento de saberes

As mudanças no mercado geram novas demandas e fazem com que as pessoas procurem periodicamente novos aprendizados a fim de atingir suas expectativas pessoais e profissionais. Dessa maneira, as etapas formais da educação (nível fundamental, ensino médio, educação superior e educação continuada) também passam pela necessidade de se (re)inventar por meio de métodos de ensino.

Sob este aspecto, as Instituições de Educação Superior (IES) normalmente se destacam por serem *locus* de ensino, pesquisa e extensão, e por apresentarem sintonia e sinergia às demais diretrizes e projetos da instituição, para que os interessados (acadêmicos e comunidade) nesses processos de formação possam encontrar um ambiente favorável ao desenvolvimento intelectual e profissional.

Dessa maneira, o ensino, a pesquisa e a extensão nas IES compreendem um processo gerador de aprendizagem científico, artístico, tecnológico e cultural. O ensino implica fornecer informação e conhecimento científico que capacita os estudantes a entender o porquê e o como do funcionamento das coisas, que modo que desenvolvam habilidades e competências que lhes permitam selecionar, criticar, comparar e elaborar novos conceitos e saberes interdisciplinares (GIL, 2012). A pesquisa científica é um processo formador de conhecimentos, um elemento constitutivo e fundamental da ação do *aprender-aprendendo* durante vários momentos curriculares da formação do estudante. Os resultados da pesquisa científica ultrapassam fronteiras, e representam a identidade de uma instituição produtora de conhecimentos (SANTOS, 2012).

Por sua vez, a extensão potencializa, estimula e problematiza o ensino da universidade com a realidade econômica, social, política e cultural, tornando-se um espaço de construção de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades sociais relevantes, pois a interação entre a ciência, na academia, e a vivência, na sociedade, pode fortalecer um projeto pedagógico de plena conectividade e transformação social (SÍVERES, 2011). Ainda, o conhecimento da realidade local-regional

[...] proporciona o desenvolvimento de habilidades profissionais, maior responsabilidade acadêmica e profissional, além de contribuir para a escolha de uma formação continuada, que geralmente estará relacionada com o que o estudante aprendeu ao conhecer essa realidade (COSTA; BAIOTTO; GARCES, 2013, p. 63).

A extensão universitária gera experiências significativas de aprendizagem aos estudantes ao estabelecer a relação dos conhecimentos teóricos com a realidade prática. Nesses espaços vivenciais de saberes evidenciam-se as habilidades que os qualificam para a convivência coletiva e a inclusão social.

Nessa perspectiva e conforme entendimento de Lima e Leite (2012), as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas nas IES são responsáveis pela produção e disseminação de conhecimentos e habilidades. Assim, conforme ocorrem mudanças na sociedade, as universidades moldam seus planejamentos curriculares cientes de seu papel no desenvolvimento da educação. Por isso, espera-se que as universidades, além de compartilhar conhecimentos, preocupem-se com sua aplicação, para formar profissionais habilitados para as tradicionais e novas carreiras, contribuindo para o efetivo desenvolvimento da sociedade (LIMA; LEITE, 2012).

Dessa forma, as universidades devem promover o contato dos estudantes com diversas áreas de conhecimento por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, para que as experiências vividas na instituição possam nortear suas práticas na sociedade. Nessa perspectiva, o corpo docente da universidade deve ser capaz de instruir, orientar, apontar, guiar, dirigir, preparar e formar estudantes com o objetivo de torná-los aptos a atender as novas demandas do mercado (GIL, 2012). Além disso, devem estimular os estudantes à autorreflexão, para que possam avaliar constantemente suas competências e habilidades, buscando a contínua melhoria.

Assim, é importante destacar que as universidades, além de atender à formação superior, precisam estar atentas às demandas criadas pelas mudanças que o mercado vem experimentando, a fim de complementar o desenvolvimento de seus estudantes. Acredita-se que os resultados da elaboração e da oferta de cursos nas mais diversas áreas do conhecimento e dos espaços de ensino para a produção do *saber-fazer*, *saber-agir* e *saber-ser*, transcendem a dimensão individual ou institucional, tornando-se estratégico à sociedade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa classifica-se, quanto à natureza, como um estudo aplicado, por centrar-se em problemas e preocupações com o propósito de gerar possíveis soluções (ROESCH, 1996), e quali-quantitativa quanto à abordagem. Qualitativa porque a pesquisa estimulou os estudantes e gestores a refletirem sobre determinado tema e apresentarem de maneira aberta as suas percepções e entendimento sobre um fato específico, dando espaço à interpretação, e quantitativa por apurar opiniões dos estudantes, quantificando os dados por meio de análise estatística (OLIVEIRA, 2004).

Para a coleta de dados com os estudantes utilizou-se um questionário que, conforme Malhotra (2006), é uma técnica estruturada para coleta de dados que deve ter objetivos específicos, visando a apontar a informação desejada em um conjunto de questões que o entrevistado tenha condições de responder. O questionário, estruturado com quatro questões objetivas (escalar de 1 a 5, sendo 1 a menor

avaliação e 5 a maior avaliação) e cinco questões descritivas, foi respondido por 20 estudantes (de 21 no total). Os gestores das empresas incubadas no Tecnovates, participaram da pesquisa respondendo a uma entrevista não-estruturada, que buscou identificar a contribuição da Vivência para os seus negócios.

A entrevista, segundo Marconi e Lakatos (2017), se dá a partir do encontro entre duas pessoas, que conversam de forma profissional sobre determinado assunto, sendo que uma delas faz a coleta dos dados. Os mesmos autores afirmam que na entrevista não-estruturada o entrevistador não possui um roteiro com perguntas específicas, as questões vão sendo elaboradas conforme o desenvolvimento do diálogo.

Depois dos questionários aplicados, as respostas foram analisadas com o auxílio do *Microsof Excel*. Para a análise das questões fechadas foram utilizadas técnicas de estatística descritiva, como a média, o desvio-padrão e o coeficiente de variabilidade (COOPER; SCHINDLER, 2003). As questões abertas e as entrevistas com os gestores foram transcritas e categorizadas seguindo a técnica de análise de conteúdo. O objetivo da análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2011), é compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso, procurando conhecer os significados das mensagens.

Assim, os dados foram organizados por categorias, buscando agrupar elementos em torno de um conceito. Bardin (2011) sugere que, o conteúdo de cada entrevista, seja organizado e dividido em sequências, e estas partes de textos sejam interpretadas e relacionadas com temas dominantes. Antes de analisar cada fragmento do texto e interpretá-lo, deve ser realizada uma análise rigorosa da ideia do entrevistado. Dessa forma foi possível identificar categorias e validar com a análise das questões fechadas.

Para preservar a identidade e a privacidade dos respondentes, seus nomes não são revelados. Nas citações das entrevistas são identificados como Estudante 1, 2, 3 e assim sucessivamente, e Gestores 1 e 2.

Quanto à limitação do método, a impossibilidade de generalização dos resultados deve ser considerada, visto que eles se aplicam apenas à Instituição foco do estudo e ao componente curricular aqui analisado.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com o propósito de identificar as contribuições das atividades realizadas no componente curricular Vivência em Gestão para o aprendizado e o desenvolvimento das habilidades dos estudantes, foi realizada esta pesquisa, por meio de questionário eletrônico, via *Google* Formulários. O questionário foi respondido por 20 estudantes (de 21 no total), e estava estruturado com quatro questões objetivas (escalar de 1 a 5, sendo 1 a menor avaliação e 5 a maior avaliação) e cinco questões descritivas.

Primeiramente, os estudantes responderam o quanto as três atividades realizadas (proposições às empresas do Tecnovates, viagem de estudos à São Paulo e realização de pesquisas prévias a respeito do ambiente paulista e das empresas a serem visitadas) contribuíram para o desenvolvimento das habilidades do curso (ZARIFIAN, 2012; ABRANTES, 2012).

Conforme demonstrado na Tabela 1, as proposições que os estudantes em grupos realizaram às empresas incubadas no Parque Tecnológico da Instituição, contribuíram para o desenvolvimento das habilidades da seguinte maneira: a visão estratégica foi a que mais contribuiu (média 4,40), seguida da empatia e relacionamento interpessoal (4,30), do planejamento, organização, direção e controle

(4,25), da formação de equipe (4,20), da identificação de oportunidades (4,10), da modelagem e arquitetura de negócios (4,05) e da responsabilidade socioambiental (3,95).

Na segunda atividade avaliada, a viagem de estudos à São Paulo/SP, as habilidades que mais contribuíram na ordem foram: a visão estratégica (média 4,55), a empatia e relacionamento interpessoal (4,55), o planejamento, organização, direção e controle (4,50), a formação de equipe (4,35), a modelagem e arquitetura de negócios (4,30), a responsabilidade socioambiental (4,30) e a identificação de oportunidades (4,25). E a terceira atividade avaliada, foram os estudos e as pesquisas realizados pelos estudantes antes da viagem, a fim de conhecer o ambiente paulista e as empresas que seriam visitadas, sendo que, a habilidade que mais contribuiu na opinião dos respondentes foi a visão estratégica (média 4,25), seguida da formação de equipe (4,20), da empatia e relacionamento interpessoal (4,15), do planejamento, organização, direção e controle (4,00), da modelagem e arquitetura de negócios (4,00), da identificação de oportunidades (4,00) e pela responsabilidade socioambiental (3,65).

Tabela 1 - Considerando a atividade desenvolvida, avalie o quanto ela contribuiu no desenvolvimento das habilidades

Habilidade	Empresas do Tecnovates			Viagem de estudos			Pesquisas prévias			GERAL		
	M	DP	CV	M	DP	CV	M	DP	CV	M	DP	CV
Identificação de oportunidades	4,10	1,02	0,25	4,25	1,12	0,26	4,00	0,97	0,24	4,12	1,03	0,25
Modelagem e arquitetura de negócios	4,05	1,10	0,27	4,30	0,80	0,19	4,00	1,12	0,28	4,12	1,01	0,25
Planejamento, organização, direção e controle	4,25	0,97	0,23	4,50	0,89	0,20	4,00	0,92	0,23	4,25	0,93	0,22
Responsabilidade e socioambiental	3,95	1,00	0,25	4,30	0,86	0,20	3,65	1,27	0,35	3,97	1,07	0,27
Formação de equipe	4,20	0,95	0,23	4,35	1,14	0,26	4,20	0,95	0,23	4,25	1,00	0,24
Empatia e relacionamento interpessoal	4,30	0,98	0,23	4,55	0,83	0,18	4,15	1,09	0,26	4,33	0,97	0,22
Visão estratégica	4,40	0,94	0,21	4,55	0,76	0,17	4,25	1,12	0,26	4,40	0,94	0,21
GERAL	4,18	0,98	0,24	4,40	0,91	0,21	4,04	1,06	0,26	4,20	1,00	0,24

Fonte: Levantamento com os estudantes.

Legenda: M = Média; DP = Desvio Padrão; CV = Coeficiente de Variabilidade.

Analisando qual das habilidades desenvolvidas nas três atividades mais contribuiu para os respondentes, observa-se a visão estratégica (média 4,40), a empatia e relacionamento interpessoal (4,33) e a formação de equipe (4,25). Visão estratégica também foi a habilidade que teve a opinião mais homogênea (coeficiente de variabilidade 21,42%) e a responsabilidade socioambiental a habilidade que teve a opinião mais heterogênea (coeficiente de variabilidade 27,05%).

Quando analisado os resultados gerais, a atividade que mais contribuiu para o desenvolvimento das habilidades dos estudantes foi a viagem de estudos (média 4,40 e desvio padrão 0,91), seguida pela atividade realizada junto às empresas do Tecnovates (média 4,18 e desvio padrão 0,98) e os estudos e as pesquisas antes da

viagem (média 4,04 e desvio padrão 1,06). A viagem de estudos também foi a atividade com a menor variação nas opiniões (coeficiente de variabilidade 20,73%).

As questões seguintes objetivavam identificar a maneira que o componente curricular contribuiu para o desenvolvimento pessoal, profissional e acadêmico, ou seja, conforme a visão de mundo integrado de Boff (2013). Os respondentes mencionaram que os conhecimentos e experiências vivenciadas no componente curricular, possibilitaram avanços significativos no desenvolvimento pessoal, conforme menciona o Estudante 7: *“A vivência foi, sem dúvida, a etapa mais marcante da graduação no meu desenvolvimento pessoal. Mostrou a grandeza e competência de diversas organizações que jamais imaginei conhecer, além das novas amizades e experiências únicas vividas”*. Já o Estudante 11 afirmou que a viagem de estudos foi *“[...] inesquecível, pois é um ambiente que eu nunca tinha vivenciado, com pessoas e culturas completamente diferente do meu habitual, mas acredito que foi de muita importância, pois consegui ver como funciona uma grande metrópole, com seus problemas sociais e ambientes bem como as oportunidades de desenvolvimento”*.

Os respondentes foram unânimes em afirmar que as atividades realizadas no componente curricular contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento profissional, conforme menciona o Estudante 10: *“Acredito que a maioria dos colegas tenha se imaginado morando e trabalhando em São Paulo, e analisado se teria o perfil para isso. É um estado com muitas oportunidades de trabalho, que te permitem crescer profissionalmente, mas que também mostram o quão desafiador pode ser a rotina de trabalho neste local, assim como tivemos alguns relatos de funcionários das empresas que enfrentam muitas coisas apenas para conseguir se deslocar ao trabalho”*. No mesmo sentido, o Estudante 15 aproveitou as visitas para sugerir à organização em que atua: *“[...] de certa forma é uma apresentação de novas oportunidades profissionais que vem ao encontro no final do curso, dando opções aos formandos de buscarem e expandirem suas atuações a empresas maiores e em outros estados. Tive contato com os cartões pré-pagos, por exemplo, e pude levar essa ferramenta à empresa onde trabalho atualmente, isso é positivo!”*.

E quanto à contribuição das atividades para o desenvolvimento acadêmico, os respondentes também consideraram que o conhecimento adquirido foi significativo, conforme o relato dos Estudante 12 *“[...] no desenvolvimento acadêmico, não podendo ser diferente, todo componente curricular se encaixou perfeitamente para o final do curso, trazendo a parte mais prática e não só a teoria”*, e do Estudante 13 *“No meio acadêmico foi a melhor experiência que tive pela universidade. As palestras, Aula Magna, semana acadêmica, cases empresariais, ajudam a localizar a teoria no dia-a-dia das empresas. Mas o componente de vivências possibilita o aluno a sentir o que é ser um gestor, dar opinião, analisar situações”*. Da mesma forma, o Estudante 18 acentua que *“A prática consolida a teoria tratada em sala de aula. Vivenciar todas essas empresas in loco, foi uma oportunidade única, que somente através da universidade foi possível”*.

Por fim, sabe-se que o papel da extensão acadêmica vai além de possibilitar o desenvolvimento de habilidades nos estudantes, pois espera-se alguma contribuição à comunidade a partir da realização da prática extensionista. Desse modo, questionou-se às empresas participantes da atividade no Tecnovates sobre a contribuição dos estudantes à sua prática gerencial. Para as gestoras da Empresa 1, a atividade com os estudantes foi uma oportunidade de aprendizado, pois a empresa é iniciante e está pré-incubada no parque desde o início de 2019. A narrativa dos Gestores 1 e 2 evidencia essa importância: *“Somos da área da saúde e sabíamos pouco de logística. Para a empresa, é muito bom ter outras ideias e pontos de vista.*

Saber que os alunos estão empenhados estudando possibilidades para a nossa empresa é gratificante. Empreender é um desafio, porém com apoiadores ficamos mais motivadas ainda a seguir em frente”.

Em suma, as atividades realizadas na Vivência em Gestão trouxeram aprendizados significativos aos estudantes bem como contribuições à comunidade, haja vista, os resultados das avaliações realizadas e os relatos apresentados, indo ao encontro do entendimento de Lima e Leite (2012) de que as atividades (de ensino, pesquisa e extensão) desenvolvidas nas IES são responsáveis pela produção e disseminação de conhecimentos e habilidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados da pesquisa possibilitou identificar que o componente curricular denominado Vivência em Gestão contribuiu significativamente no desenvolvimento das habilidades dos estudantes, conforme previsto no Projeto Pedagógico dos cursos da área de gestão da Universidade do Vale do Taquari – Univates.

As ações de **extensão** foram atendidas por meio das sugestões apresentadas pelos estudantes às empresas incubadas e pelas visitas técnicas às organizações paulistas; as ações de **pesquisa** foram cumpridas com atividades de investigação por parte dos estudantes a fim de atender às demandas apresentadas pelas empresas incubadas, bem como, a pesquisa realizada por cada grupo em relação ao ambiente paulista e as organizações visitadas; e às ações de **ensino** foram observadas a partir do conhecimento gerado nas diversas atividades da Vivência, possibilitando que os estudantes articulassem saberes interdisciplinares para contribuir com as empresas do Tecnovates.

Longe de achar que a Vivência em Gestão está pronta, o plano piloto nos cursos de Gestão Financeira e Logística confirma a possibilidade de integrar em um mesmo componente curricular ensino, pesquisa e extensão, e motiva ampliar a experiência nos demais cursos do Centro de Gestão Organizacional da Univates.

Assim, outras pesquisas poderão ser aplicadas por meio de diferentes perspectivas metodológicas, maior alargamento conceitual e participação acadêmica, visando avaliar mais profundamente os benefícios da indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão no desenvolvimento de competências e habilidades dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, José. **A pedagogia empresarial nas organizações que aprendem**. 2. ed. Wak: Rio de Janeiro, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. 19. ed. Vozes: Petrópolis, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/https://saude.gov.br/>. Acesso em: 06 abr. 2020.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2013.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**, 7ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

DELORS, Jacques et al. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Brasília: Unesco, jul., 2010.

FARIAS, M. C. M.; SOARES, L. R.; FARIAS, M. M. Ensino, pesquisa e extensão: histórico, abordagem, conceitos e considerações. *Revista Em Extensão*, v. 9, n. 1, 2010.

GIL, Carlos A. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2012.

GRAMIGNA, Maria Rita. Modelo de competências e gestão dos talentos. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LE BOTERF, Guy. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LEITE, Denise; LIMA, Elizeth G. dos Santos. Conhecimento, avaliação e redes de colaboração: produção e produtividade na universidade. In: LIMA, Elizeth G. dos Santos; LEITE, Denise. **Influências da avaliação no conhecimento produzido pelos pesquisadores em redes de pesquisa**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookmann, 2006.

MOITA, F. M. G. da S. C.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 41, 2009.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração**: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalhos de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, Marcos Pereira dos. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. **Revista conexão UEPG**, vol. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5141/514151728002.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2019.

SÍVERES, Luiz (Org.). A extensão universitária como princípio de aprendizagem. In: COSTA, A. A. C.; BAIOTTO, C. R.; GARCES, S. B. B. **Aprendizagem**: o olhar da extensão. Brasília: Liber Livro, 2013, p. 61-80.

SÍVERES, Luiz. Princípios estruturantes da extensão universitária. In: _____; MENEZES, Ana Luiza Teixeira (Orgs.). **Transcendendo fronteiras**: a contribuição

da extensão nas instituições comunitárias de ensino superior. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011, p. 26-50.

ZARIFIAN, Philippe. **Objetivo competência**: por uma nova lógica. Atlas: São Paulo, 2012.